

Ovídio por Bocage



Por **PAULO MARTINS***

Comentário sobre a tradução de “As Metamorfoses”, de Ovídio, feita por Bocage.

Ovídio foi o poeta mais eclético e copioso de Roma. Seu repertório sintetiza largo espectro de gêneros, que passam a ser produzidos a partir do I séc. a. C. com a incursão de novas práticas poéticas, antagônicas às produzidas até então. Esta nova poética, cujas principais características eram a predileção pelo diminuto, pelo detalhe, pela rapidez e pela leveza, contrapunha-se à sisudez de versos civis e vetustos que ocupavam a cena poética até então. Entretanto, a novidade romana não era tão nova, antes se filiava ao alexandrinismo – momento artístico-cultural do mundo helenístico.

Assim, Ovídio deve ser visto como síntese, pois ocupa certa seara poética que já havia sido cultivada por Catulo, Horácio, Virgílio, Propércio e Tibulo, poetas significativos para aquilo que o Mundo Moderno chamou de Antiguidade Clássica e possuidores de importância decisiva na formulação de técnicas prescritivas e de motivos nas artes clássicas dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Mais do que outro poeta antigo qualquer, Ovídio serviu de modelo e émulo para Chaucer, Ben Jonson e Shakespeare, que não satisfeito em tomar motivos ovidianos em seus textos, chega a reproduzir seus versos como é o caso de “*At lovers’ perjuries/they say Jove laught*” [Dizem que Jove ri dos perjúrios dos amantes] (Romeu e Julieta, II, 2). A sua intervenção poética posteriormente, contudo, não se restringe às artes verbais. Muito já discutiu sobre sua importância para as artes plásticas do século XVI. Seu texto mais relevante, *As Metamorfoses*, direta ou indiretamente, foi fonte para Tiziano Vecellio em Perseu e Andrômeda (Wallace Collection – Londres – ver *As Metamorfoses*, Livro IV, 603-764 e V):



ou para em *O Rapto de Prosérpina* de Bernini (Galeria Borghese - Roma - ver *As Metamorfoses*, Livro V, 341-408):



As *Metamorfoses* são uma coletânea de relatos mitológicos que, aparentemente, não possuem conexão, a não ser pelo fato de revitalizarem a narrativa poético-mitológica do ponto de vista de um matiz etiológico, ao gosto de Calímaco de Cirene (310 - 240 a.C.). O poema é composto de 15 livros que tratam aproximadamente de 250 lendas etiológicas, mostrando o nascimento de seres e, fundamentalmente, sua transfiguração em outros e daí, justamente, o nome da obra.

Há de ser observado, também, como o mundo moderno se apropriou d'*As Metamorfoses*, tendo em vista sua circulação, nos meios eruditos e vulgares. Se a alusão já caracteriza certo empenho na divulgação, o que dizer de sua tradução ou de sua adaptação? Pois bem, são incontáveis as alusões e traduções deste texto de Ovídio dos séculos XV - XVIII, que, principalmente, em língua portuguesa permaneceram absolutamente inacessíveis.

Hoje está mais fácil entrar em contato com o Ovídio d'As *Metamorfoses*, pois uma belíssima edição, ou, pelo menos, parte dela em português, foi publicada pela editora Hedra, em sua Coleção Tradutores. No caso específico, a tradução – excepcional – é assinada, nada mais, nada menos, do que por Bocage, que, nesse sentido, justifica sua filiação árcade ao traduzir parte dessa obra. Afinal, muito se fala na recuperação dos motivos clássicos a partir da renascença, mas pouco se mostra empiricamente como isso se efetiva.

O livro, muito bem cuidado, traz o texto original em latim ao final, fato que para os mais preciosistas pode incomodar, pois dificulta a conferência da tradução com o original. Por outro lado, oferece bela introdução acerca da técnica da tradução no século XVIII, feita com esmero e atenção por João Angelo Oliva Neto, professor de Língua e Literatura Latina da USP e conceituado tradutor das letras greco-latinas.

***Paulo Martins** é professor de letras clássicas na USP. Autor, entre outros livros, de *Imagem e poder (Edusp)*.

Publicado originariamente na Revista **Bravo!**, nº. 40, em 02 de janeiro de 2001.

Referência

Ovídio. *As metamorfoses*. Tradução: Manuel Maria Barbosa du Bocage. Organizado por João Angelo Oliva Neto. São Paulo, Editora Hedra, 232 págs.